

LAJES DO PICO

Nº 31

MARCO | ABRIL

2007

Entrevista a Hermenegildo Silva

Pico OUTDOOR CHALLENGE 2007

Crónica: José Augusto Soares

RIBEIRINHA • PIEDADE • CALHETA DO NESQUIM • RIBEIRAS • LAJES • SÃO JOÃO

www.municipio-lajes-do-pico.pt



4



13



16

[primeiras palavras]

3 Políticos somos todos nós, por Sara Santos

[grande entrevista]

4 Hermenegildo Silva

[aconteceu]

8 Carnaval anima todo o Concelho

9 25 de Abril na Freguesia das Lajes

Zeca Afonso nunca se esquece

Dia Mundial do Teatro

10 50 anos de Europa

Programa Eco-Escolas

Dia Mundial da Água e Árvore

Jovens luso-canadianos nas Lajes

11 Portuguesa Joe

Flores e jazz no Dia da Mulher

Canto coral

O Fantasmilha do Muitieramá

[destaque]

12 Pico Outdoor Challenge 2007

13 Em São João aconteceu

[em movimento]

16 Baleia de Marfim 2007

19 Formação teatral

Galeria Municipal

20 Forte de Santa Catarina

Saúde e prazer

21 Servir melhor os cidadãos

Raríssimas

24 [livros e leituras]

Vitorino Nemésio

por Carlos Bessa

25 [crónica]

União no essencial: o desenvolvimento

por José Augusto Soares

27 [informações úteis]

Boletim Municipal das Lajes do Pico

www.municipio-lajes-do-pico.pt

Ano 14, Nº 31, Março | Abril de 2007

Direcção: Sara Santos

Coordenação editorial: Carlos Alberto Machado

Colaborações deste número: Ana Jorge, Casa do Povo de São João, Estefânia Silva, Patrícia Brum (**Projecto Eco Escolas**), Carlos Bessa (**Livros e Leituras**), José Augusto Soares (**Crónica**)

Secretariado: Vânia Brum

Créditos fotográficos: Carlos Alberto Machado, jornal O Dever, Manuel Ribeiro e Paulo Nuno Silva

Foto da capa: Carlos Alberto Machado

Concepção gráfica e paginação: Milídeias, Comunicação Visual, Lda – Évora | Tel: 266 757 600 | E-mail: milideias@mail.telepac.pt

Impressão e acabamentos: Facsimile Offset - Publicidade | Tel: 213 829 792

Redacção: Convento de São Francisco

9930-135 LAJES DO PICO

Tel: 292 679 700 | Fax: 292 679 710 | E-mail: edicoes@municipio-lajes-do-pico.pt

Propriedade e edição: Câmara Municipal das Lajes do Pico

Tiragem: 1.500 exemplares

Depósito legal: 151.663/00

Distribuição gratuita

Periodicidade: bimestral (agradecemos o envio de informações até ao dia 15 de cada mês).

Correio dos Leitores: sugestões, críticas e colaborações podem ser entregues via CTT, por e-mail, para edicoes@municipio-lajes-do-pico.pt, ou pessoalmente no Gabinete da Presidência. Só se publica correspondência devidamente identificada.



É frequente ouvirmos, muitas vezes a pessoas com responsabilidades políticas e até em discursos oficiais, que o poder local, ao longo destas décadas de democracia, foi o grande obreiro do país, contribuindo para o seu desenvolvimento, mais até do que os sucessivos governos. E isto com dados concretos – dados estatísticos e indicadores financeiros – que fazem esta avaliação. Alguns diriam mesmo que é ainda hoje o poder local o que mais contribui para o progresso das localidades e estas em conjunto para o desenvolvimento do país.

Não vivemos num país perfeito, como todos desejaríamos. Vivemos, porém, num país exigente: todos querem mais e melhor e, como tal, exigem-nos dos outros, esquecendo-se, a maior parte das vezes, do que cada um pode contribuir para o bem comum. O desenvolvimento de uma comunidade é um processo colectivo, uma conjugação de vontades individuais: ninguém

isoladamente pode ser dono dos seus destinos; por outro lado, é preciso que as forças que lutam pelo progresso e pela mudança sejam superiores às que se confinam à inércia e à mediocridade. Deste balanço resulta o futuro risonho de uma sociedade.

Hoje, vivemos numa era de avaliação constante e são os “políticos”, como não podia deixar de ser, os primeiros a ter que dar resposta a tudo, são eles os “bodes expiatórios” da sociedade, a quem tudo se exige e com respostas imediatas. Tanto, que na maioria das vezes estes assumem o papel dos “faz tudo”, em prejuízo do que devia ser a sua acção prioritária: pensar, planificar e, depois, concretizar. Em contrapartida, há a tendência para os cidadãos não responsabilizarem aqueles que, não tendo responsabilidades políticas formais, abusam dos seus pequenos poderes e provocam nas comunidades climas de descrédito nas instituições e pessoas democra-

ticamente eleitas. Mas é preciso dizer também que não são apenas estas as atingidas e prejudicadas: é toda uma comunidade que escolheu os seus representantes que é atacada. Por isso, se é preciso que os cidadãos estejam criticamente atentos à acção dos seus dirigentes políticos, será igualmente necessário, em nome de uma cidadania sã e adulta, agir sobre aqueles que põem em causa os próprios alicerces da democracia.

Hoje, lutar pela liberdade e pela democracia continua a ser uma batalha de todos, embora talvez agora de forma mais difícil do que antes, porque os inimigos da liberdade e da democracia disfarçam os seus intuitos malévolos sob roupagens enganadoras. Por isso, a batalha do desenvolvimento e do progresso exige cada vez mais que ninguém pense que isso é apenas coisa dos “políticos” – políticos, isto é, cidadãos interessados em fazer progredir a sua Terra, somos todos nós. •

Sara Santos

Presidente da Câmara Municipal
das Lajes do Pico

O **Boletim Municipal** continua a série de entrevistas aos Presidentes de Junta de Freguesia iniciadas no número passado, com José Armindo, de S. João. A todos solicitámos que se pronunciassem sobre o tempo de mandato já concluído e as perspectivas de futuro.

Entrevista conduzida por Carlos Alberto Machado, realizada no dia 30 de Março de 2007, na Sede da Junta de Freguesia.

Apoio de secretariado de Márcia Machado.

BOLETIM MUNICIPAL (BM): Senhor Presidente: que balanço faz dos primeiros tempos de mandato?

PRESIDENTE HERMENEGILDO SILVA (HS): Iniciámos o nosso mandato há cerca de ano e meio. Éramos todos inexperientes, embora eu já fizesse parte do Executivo anterior, como Tesoureiro. Tivemos aquele período de adaptação, como é normal, depois, a pouco e pouco, fomos começando a entrar neste esquema. Tive a sorte de arranjar uma excelente equipa, quer a Secretária, quer o Tesoureiro são duas pessoas à altura, e tem sido sempre com espírito de equipa que temos trabalhado. Com o Plano de Trabalho para que nos elegeram, a nossa maior preocupação foi projectar as obras e não termos pressa em acabá-las. Como as dificuldades orçamentais são o nosso maior problema, então optámos por faseá-las para garantirmos a sua melhor qualidade.

Mas o nosso problema maior é o governo Regional não dar a importância devida a uma Freguesia como a nossa. A Piedade tem uma qualidade de produção acima de qualquer outra na ilha. Somos a Freguesia que mais explora, desde as pescas à agro-pecuária, a que mais exporta na nossa ilha. Por isso, acho que o nosso Governo Regional tem estado muito mal nas opções que tem tomado para a nossa Freguesia. É preciso não esquecer que estamos a 50 km da Madalena, só lá é que estão os serviços, a maior parte dos serviços da ilha, nomeadamente as Obras Públicas, o porto de onde se faz o trajecto para a Horta, por isso é muito dispendioso hoje viver-se aqui. São as viaturas da Freguesia da Piedade as que mais andam nesta ilha e para mais ainda não há uma certeza sobre a RIAC, a Loja do Cidadão, se vem ou não para a Piedade.

BM: Mas houve uma promessa nesse sentido, não foi?

HS: A promessa... Mostrámo-nos interessados, inclusive fizemos um ofício para o Governo Regional e tivemos como resposta que a Freguesia da Piedade era uma das potenciais Freguesias para 2007, para instalar a RIAC...

BM: E isso quer dizer...

HS: Quer dizer que é uma potencial candidata...

BM: Mesmo considerando que a Câmara vai instalar os serviços centralizados no novo edifício da Junta. É uma coisa importante, não é?



HS: Sim, com certeza.

BM: Vai ser a primeira Freguesia a ter serviços descentralizados da Câmara.

HS: Já há alguns anos que a Câmara anda a tentar conseguir esse objectivo para bem da nossa Freguesia. Eu quando falo na nossa Freguesia estou também, muitas vezes, a referir-me à Ponta da Ilha em si, com as Freguesias da Calheta e da Ribeirinha, dependentes



mais pescado apanham, vão descarregar o seu pescado na Freguesia da Calheta, isto é inadmissível, isto é uma falta de respeito, até, penso, para com os pescadores.

Quando se está dependente de obras que são fundamentais para o desenvolvimento da nossa Freguesia e elas não aparecem, é claro que as pessoas, os jovens, começam a sair, e é o que tem acontecido. Um senhor chamado Coelho, que foi professor cá na Freguesia,

sa questão do abastecimento de água à lavoura?

HS: Eu já vi noutras zonas uns reservatórios com grande capacidade que são abastecidos por água das nascentes ou das lagoas. Vão recebendo aquela água e depois chega-se à altura que é necessário, na época de Verão, os lavradores têm água de reserva para usar.



da Freguesia da Piedade, porque são Freguesias de menor dimensão, são Freguesias onde o comércio é quase inexistente e estão muito dependentes da nossa Freguesia, porque nós temos vários investidores, várias pessoas de outros Concelhos que vieram para cá e investiram na Freguesia da Piedade. Ainda bem que há outras pessoas de outros Concelhos que conseguem ver isso. É pena o nosso Governo Regional também não ter essa perspectiva. Veja o novo Porto do Calhau. Há dois anos, na inauguração, houve a promessa de concluir as obras em falta: a electrificação do próprio Porto, a rampa, pois as maiores embarcações não conseguem varar em condições. Mas não. Os pescadores da Freguesia estavam já há alguns anos à espera de uma obra com aquela dimensão, ou maior até. Todos estávamos à espera de um Porto/Cais que viesse resolver os problemas dos pescadores. Ao fim e ao cabo, as maiores embarcações, as que

escreveu por volta dos anos cinquenta: “As grandes obras na ilha não têm sido construídas onde há desenvolvimento, onde as pessoas produzem, e enquanto assim for, os jovens não param nestas terras.” Parece que ainda hoje, de facto, é ainda assim que funciona.

BM: Que outras coisas que ultrapassam o âmbito de investimento da Junta se podem considerar mais importantes?

HS: O abastecimento de água à lavoura, é outra questão em que estamos limitados nesta Ponta da Ilha.

BM: A Junta fez um parque de retém de gado?

HS: Sim, inaugurado este mês de Março.

BM: O que é necessário para procurar ultrapassar, pelo menos em parte, es-

BM: Em regra, gasta-se imenso combustível e tempo de trabalho a carregar água.

HS: Há lavradores a tirar 3 e a 4 toneladas de água dos contadores por dia para abastecer a sua exploração. É muito dispendioso.

BM: E as estradas, estão bem, no essencial?

HS: Sim, as estradas estão bem, no essencial.

BM: A Freguesia tem das melhores estradas do Concelho.

HS: Sim.

BM: Mas o clima não é muito propício à sua boa manutenção...

HS: Quando as pessoas reclamam que não temos bons caminhos, é só fazer a comparação com as outras Fregue-

sias. Somos a Freguesia com a maior rede viária asfaltada do Concelho. Há quem discorde... A Câmara tem os dados em sua posse, o inventário da rede viária, e lá diz isso. Somos a Freguesia com mais caminhos contados, embora o piso de muitos deles já esteja um bocado estragado.

BM: E o investimento que vai haver agora na ampliação da Escola? Esta zona da Ilha precisava de mais investimento nos equipamentos de educação.

HS: É bastante importante. Esperamos que isso venha a ser concretizado. Estamos atentos a isso, embora desconheçamos parte do que se está a pas-

no, mas é uma mais valia para a nossa Freguesia, aquele edifício, também pela sua estética, é bastante bonito. E tem ainda um terreno que o liga à Estrada Regional. Acho que a Câmara esteve excelente nessa aquisição.

BM: O novo Salão da Filarmónica irá ser um dos melhores da ilha, segundo creio.

HS: É um edifício que há muitos anos a Freguesia espera. Estamos ansiosos para o ver nascer. Depositamos confiança e grande expectativa no nosso presidente da Filarmónica. É pena as pessoas afastarem-se um pouco da Filarmónica, quando é tão importante e

to já está em fase de acabamento, para depois também, ainda este ano, darmos início... É a tal história, como eu falei há bocado... é uma obra para se fazer, se calhar até eu não a vou conseguir acabar neste mandato, mas pelo menos o que ficar feito, fica com qualidade. É assim, a gente prende-se sempre na qualidade do serviço que queremos prestar. Com a zona de lazer da Manhêna também aconteceu a mesma coisa, teve início no ano passado, estamos talvez a 50% de concretizado, e esperamos ainda este ano inaugurá-la.

Temos também a conclusão da construção e reforço de 140 metros de um muro em pedra para protecção de al-



sar.

BM: O Plano e Orçamento da Câmara para 2007 contempla as instalações novas da Junta e dos Serviços Centralizados da Autarquia, não é verdade?

HS: Sim, é uma coisa para realizar em breve. No próprio projecto do edifício já está o espaço para a RIAC.

BM: É um bellissimo edifício...

HS: Sim. Há que dar mérito à Câmara Municipal, já na altura da senhora Presidente Sara, pois ela é que teve a iniciativa da aquisição do imóvel e foi um processo complicado... Houve algumas empresas privadas também interessadas na aquisição daquele terre-

quando é a Filarmónica a dar-nos esse edifício. É muito mau quando as pessoas se afastam, como se têm afastado nos últimos anos da Filarmónica, que sobrevive com muitas dificuldades. Ela já tem à volta de 50 anos e sempre lhe conheci dificuldades, por isso espero que esta fase seja ultrapassada, mais agora quando estamos a dar início a uma construção com essa dimensão. Essas são as coisas maiores que não dependem só de nós. Há outras coisas menores que, então, essas dependem mais de nós. E assumimos isso e responsabilizamo-nos por isso, não fugimos às nossas responsabilidades. Temos as zonas balneares, as zonas de lazer, estamos também a elaborar um projecto para a zona banhar do Calhau, uma piscina natural. Esse projec-

gumas moradias na zona de lazer do Calhau.

Obras iniciadas: recuperação dos sete chafarizes da Freguesia, a construção de um novo chafariz no Curral da Pedra, o início da construção do Bote Baleeiro Maria Adelaide. Ainda este ano fazemos questão de iniciar o projecto para a recuperação paisagística do Cabeço da Junça, junto ao campo de futebol e Serviços de Desenvolvimento Agrário.

Na Manhêna gostaríamos de continuar com aqueles muros junto ao mar e depois quem sabe, também lá na fonte. Por detrás do Salão, há um Porto, era o Porto antigo, com uma rampa feita pela natureza, muito apreciada. É pena não estar a ser explorada por quem nos visita. Eu sei que a Secretaria está a tentar



fazer um muro, para suportar ou para desviar o mar do próprio edifício. Espero que eles tenham isso em atenção e que não vão lá estragar aquilo com o betão ou com outras coisas que não se enquadrem ali.

BM: E como é que estão os arranjos dos caminhos pela própria Junta?

HS: Estamos a corrigir o caminho da Engrade, estamos a corrigir o caminho dos Fetais – são estes caminhos que estão candidatados para receber os novos tapetes e é aí que fazemos questão em corrigir, nem podia ser de outra forma.

BM: Até ao fim do mandato a Câmara vai fazer um investimento grande –

mais 2 milhões de euros – em toda a rede viária do Concelho.

HS: Sim, e é nossa intenção que os protocolos com a Câmara sejam bem utilizados aí. Não faz sentido passar-se um tapete entre as casas em lugares em que não podem passar carros. Há maior movimento de viaturas, temos de estar atentos a isso e não podemos estar a gastar dinheiro, para daqui a um ano ou dois voltar a estragar tudo o que fizemos... a nossa decisão é sempre a de planear bem as coisas, os dinheiros têm que ser bem geridos.

BM: Houve outras coisas, mais de natureza simbólica, como aqui mesmo a inauguração do Monumento aos Combatentes.

HS: Havia já há alguns anos a intenção de construir esse Monumento. Eu apercebia-me quando conversava com os ex-combatentes, a vontade que eles tinham em deixar na nossa Freguesia qualquer coisa que marcasse a passagem deles pela guerra em África. Ao falar com eles, aquilo mexia comigo... E tanto é que abraçámos essa iniciativa com todo o gosto e fizemos questão que fosse das primeiras obras a concretizar, com o apoio da Câmara. Fizemos uma cerimónia bonita, a 8 de Setembro, o dia da nossa Padroeira, e concentrámos ali os ex-combatentes, todos residentes aqui na ilha, foi sem dúvida um grande momento. As pessoas aceitaram muito bem a nossa iniciativa.

BM: Outra homenagem foi aos antigos Presidentes de Junta desde o 25 de Abril de 1974.

HS: Eu sou daquele tipo de pessoas que dá muito sentido a quem trabalha e a quem dá a cara por aquilo que é nosso. Essa homenagem nem sequer estava no nosso Manifesto Eleitoral. Pensamos naquilo de um momento para o outro numa reunião da Junta de Freguesia, todos acharam uma ótima ideia e que era oportuno fazermos isso, homenagearmos essas pessoas que muito deram de si próprios à nossa Freguesia. Estarmos aqui a explicar o que é ser Presidente de Junta ninguém percebe, só quem percebe são mesmo os que já por aqui passaram, nesse caso os meus colegas, pessoas que sa-

BM: Aqui, um Presidente de Junta é-o durante 24 horas por dia...

HS: Isso é outra coisa que eu gostava também de deixar sublinhado. Sabe, houve um encarregado geral da Câmara, o senhor Aníbal, que me dizia: “As melancias nas pontas nunca dão nada.” Pois, parece que sim, aqui na ponta da ilha as melancias nunca se dão... Parece que quando cá chega alguma coisa, os outros já estão cansados de as ter – e estou-me a referir à cobertura da rede de telemóvel, por exemplo. Aqui há dias, o Secretário, o senhor José Contento, na última visita ao Pico, disse que tinham acabado de cobrir as Freguesias de Bandeiras, Candelária, Criação Velha e S. Mateus, as últimas três do Concelho da Madale-

tem nada a ver com as das outras ilhas. Eu gostava de ver uma Freguesia com 900 habitantes como a nossa tem e produzir tanto como a nossa produz. Gostava de ver a nível da agro-pecuária e das pescas.

BM: Na verdade é preciso investir mais... E as pessoas, participam na vida da comunidade?

HS: É assim, todas as pessoas se preocupam com os seus direitos, agora quando toca a deveres ninguém quer saber, ninguém tem deveres para nada. Ninguém tem tempo, é muito fácil apontar o dedo à nossa Filarmónica e a nossa Filarmónica convocar uma Assembleia-geral e lá não aparecer ninguém para assumir um pouco daquilo



bem que é muito difícil ser-se presidente da Junta num meio como este.

BM: É importante reconhecer que muita coisa boa que foi feita e que depois outros continuarão.

HS: Depois das coisas estarem resolvidas são esquecidas... É sempre as que estão por resolver que interessam, e depois não se dá valor àquelas que foram feitas, nem às dificuldades para se conseguir resolver aqueles problemas. Isso não faz a minha maneira de ser.

na, e estava o problema do Pico resolvido! E eu dirigi-lhe um ofício – ao qual não obtive resposta... O que me irrita é muitas vezes escrevermos para as Secretarias, para as Direcções Regionais e nem têm o princípio, nem a delicadeza, de nos responder. Porque eu não me imagino a passar na rua e uma pessoa falar comigo e eu não parar para responder, acho que não fica bem, mas pronto, cada um é como é.

BM: É um problema...

HS: Temos de perceber que a ilha de S. Miguel tem uma população que não

que é necessário...

BM: Como é que está a sentir-se sendo pela primeira vez Presidente de Junta?

HS: Está a ser gratificante, a experiência está a ser boa, mais pessoas deviam ter a oportunidade de ter uma experiência destas, se calhar iriam pensar e criticar de uma outra forma.

BM: As pessoas exigem muito, não é?

HS: Sim, exigem bastante.



BM: Tem aqui problemas com a recolha do lixo?

HS: Também sobra um pouco para nós, embora seja da responsabilidade da Câmara, mas as pessoas não olham a quem é responsável. Tentamos sempre cooperar com a Câmara. Muitas vezes tentamos resolver os problemas, deslocamos os contentores do lixo de um lado para o outro. As pessoas na época de Verão vão para as adegas e lá temos que levar os contentores para baixo; chega-se a Outubro, lá temos de trazer os contentores para cima... Enfim, tentamos servir as pessoas da melhor forma possível, porque a nossa Freguesia tem mais de 500 adegas, é quase uma por habitante.

BM: Também para o desenvolvimento do turismo é importante tratar dos caminhos, das zonas balneares e de lazer...

HS: Eu não sei se agora o PDM permite ou não abrir novos caminhos, queremos rasgar um caminho da zona do Calhau até à Baixa. Estou com um bocado de medo de iniciar, porque existe uma burocracia para se resolver certo número de coisas. Estamos há quase um ano à espera de um parecer para dar início às obras na Manhenha, na zona de lazer. O assunto foi remetido para os Serviços do Ambiente, depois foi pa-



ra a Direcção Regional de Ordenamento do Território, depois tinha de passar também pelas entidades marítimas da ilha e então hoje estamos à espera ainda da concretização desse parecer...

É o que eu digo, se calhar às vezes 4 anos não são suficientes para fazermos um bom trabalho. Precisávamos de 2 anos para fazer o projecto, depois mais 1 ano para ter o parecer, quando chegamos a acabar uma obra... Mas pronto, é assim nós temos de viver. Quanto a isso pouco podemos fazer. É muito mau quando estamos muito dependentes dos governantes para pôr a nossa terra no lugar que ela merece.

BM: As pessoas estiveram muitos anos com pouca coisa feita, depois quando se começa a ver mais obra realizada têm a tendência para exigir sempre mais e mais.

HS: Pois, mas talvez não seja só exigir. É assim: nós, cá na Junta de Fregue-

sia, temos prioridades. Se aquele caminho tem mais trânsito, se tem mais movimento, se é aquele caminho que as pessoas precisam mais, então é aquele caminho em que temos que intervir.

BM: Apesar do pouco investimento governamental, a Freguesia é um lugar próspero?

HS: Não sou só eu que o digo, há provas disso. Temos 2 Bancos na Freguesia: será que é só por ela estar distante da sede de Concelho ou por estar distante de S. Roque? Será que é só por isso? As empresas de S. Roque vieram para cá: temos o armazém de mobílias, mais acima temos o de ferragens. Não foi por acaso. Mas não podem ser só os privados a investir. Há que criar condições pelo Governo Regional... Temos dois Portos de pesca: no Calhau e na Manhenha. Andou-se muitos anos a fazer-se umas pequenas obras neles mas nunca se resolvia o problema do Porto da Freguesia. Depois, soube-se que havia um projecto, que havia intenção de fazer uma construção para resolver o problema da Freguesia... Temos uma das melhores baías da ilha, com um fundo que toda a gente diz ser excelente para a construção de um bom Porto. A sua localização é estratégica: afastada de todos os outros centros urbanos de maior desenvolvimento. Não percebo como é que não se faz um investimento para resolver o problema da Freguesia!

Veja que nos novos Portos o mar mexeu com eles. Refiro-me ao Porto da Praia da Vitória. O Porto de S. Roque, já teve duas intervenções depois de ser construído. Quando o mar vem mais forte está sempre a estragá-lo. Tudo porque não se pensou nos devidos lugares para se implantar uma estrutura com aquela dimensão.

BM: Mais alguma coisa, senhor Presidente?

HS: Há sempre coisas que ficam por falar. Acho que as essenciais foram faladas, que são as do desenvolvimento da nossa terra.

BM: Havemos de conversar mais vezes. Muito obrigado e bom trabalho. •



CARNIVAL ANIMA TODO O CONCELHO

Este ano, como sempre, o Carnaval marcou presença no nosso Concelho. Por todas as Freguesias se realizaram actividades, desde o tradicional bailinho da Piedade, o bando, nas Freguesias da Piedade e Ribeirinha, os bailes de Carnaval e de chamarritas, os desfiles das Escolas, e também as batalhas da farinha e água na Freguesia das Ribeiras e do pó talco em São João.

Este ano o desfile das Escolas teve lugar na manhã do dia 16 de Fevereiro, e participaram as escolas do Concelho – da pré-escola ao secundário. A Escola da Piedade apresentou-nos este ano uma dança de arcos, tradicional da Freguesia. •

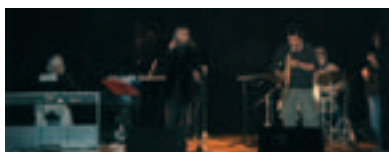


25 DE ABRIL NA FREGUESIA DAS LAJES DO PICO

Mais uma vez o Dia da Liberdade foi festejado no Concelho. O lugar do Touril (Almagreira) e São João (ver “São João em Festa” nestas páginas) foram os locais escolhidos e onde acorreram muitos lajenses que quiseram comemorar o dia 25 de Abril, Dia da Liberdade.

Na Freguesia das Lajes, o lugar do Touril foi até 2005 um lugar de festa da liberdade. Este ano a iniciativa foi felizmente retomada, desta vez sob a responsabilidade da ADJ - Associação Dinamizadora de Jovens, a que se associaram vários cidadãos. •

ZECA AFONSO NUNCA SE ESQUECE



A música do grande poeta, compositor e cantor Zeca Afonso faz jus ao que às vezes se diz de quem morre: quem é grande nunca se esquece. Assim é. Ele, que misturou tantos saberes, línguas, fazeres, ritmos e tonalidades deixa-se agora tomar, por exemplo, pelo swing jazístico do Quinteto de Jazz de Lisboa. Mais uma vez – porque Zeca “vem” de vez em quando às Lajes – o público que encheu o Auditório Municipal na noite de 24 de Fevereiro ouviu com enorme prazer a música intemporal do Zeca. Mais do que nos sentidos, a sua música reverbera em cada um de nós a consciência (por vezes adormecida...) de justiça e de liberdade. É talvez por esta união rara de arte e civismo que o homem e a sua música nunca se esquecem. •



DIA MUNDIAL DO TEATRO

“Um famoso comerciante veio falar-nos da sua grande descoberta e de como se tornou um célebre vendedor de coisa nenhuma, que viaja por todo o mundo com o seu Nada portátil, dando-nos a oportunidade de uma nadificante viagem a lado nenhum”. Pois foi assim, com este O Nada, parte das Histórias de Medo e de Coragem, pelo PIM Teatro, que o Dia Mundial do Teatro foi comemorado este ano de um forma muito gratificante. No Auditório Municipal, a 26 de Março, portanto ainda antes do Dia propriamente dito (27), o PIM Teatro, com o actor Diogo Duro, apresentou o seu espectáculo e animação pedagógica aos alunos das escolas de 1º Ciclo das Lajes, Ensino Especial, e Freguesias da Ribeirinha e da Piedade; à tarde, estiveram presentes os alunos de 1º Ciclo das Escolas da Ribeira do Meio e da Silveira, Freguesia das Lajes; já no dia 27, à tarde, presentes os alunos de 1º Ciclo das Escolas da Freguesia da Calheta de Nesquim, das Ribeiras e de São João. À noite, foi a vez de adultos (e de miúdos, alguns deles “repetentes”) se divertirem e enternecerem com a belíssima estória de teatro – por tudo e por... nada!

Ah, é verdade: Susana Moura e Diogo Duro leram na noite de 27 a Mensagem Internacional do Dia Mundial do Teatro! •





50 ANOS DE EUROPA

No passado dia 25 de Março comemoraram-se os 50 anos do Tratado de Roma, acto que instituiu a Comunidade Económica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia da Energia Atómica (Euratom). Além disso, previa a criação de um mercado comum europeu a partir de 1 de Janeiro de 1958. Portugal só em 1986 aderiu à CEE – hoje União Europeia. No nosso Concelho, os 50 anos do Tratado de Roma foram marcados com a participação da Filarmónica Liberdade Lajense que aderiu ao programa nacional de comemorações. Às 15 horas, Junto ao Convento de São Francisco, a Filarmónica interpretou o Hino da Paz, hino oficial da Comunidade. •

PROGRAMA ECO-ESCOLAS

Este é um programa que conta com a parceria da Câmara Municipal no desenvolvimento de várias actividades. Ao longo do mês de Março decorreram várias sessões de sensibilização para a implementação da recolha selectiva nesta escola, dinamizadas pelo vereador Sérgio Sousa.

Nesta sequência, no dia 29 de Março, os alunos membros do Clube para o Ambiente visitaram o Centro de Triagem de Papel em S. Roque do Pico. Aqui observaram o processo de “trata-

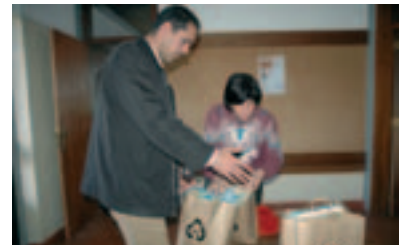


mento” que antecede o envio do papel/cartão para a Sociedade Ponto Verde.

A separação e recolha selectiva de resíduos são cada vez mais uma realidade cujos resultados dependem de cada um de nós.

Ana Jorge, Estefânia Silva, Patrícia Brum (coordenadoras do Programa-Eco-Escolas da Escola Básica 2,3 e Secundária das Lajes do Pico). •

DIA MUNDIAL DA ÁGUA E ÁRVORE



A Árvore e a Água tiveram os seus Dias Mundiais assinalados a 21 e a 22 de Março, respectivamente. Para celebrar a Árvore, a Câmara Municipal foi às Escolas de 1º Ciclo, onde se distribuiu a todas as turmas jogos alusivos ao tema e livros de colorir para todas as crianças. Em toda a manhã de 22, Dia Mundial da Água, estiveram abertos dois reservatórios de água (Silveira e Piedade), para que todos os pudessem visitar e conhecer o seu funcionamento. •

JOVENS LUSO-CANADIANOS NAS LAJES

A Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico e o Centro Cultural Português de Mississauga, Canadá, promoveram um encontro nas Lajes, entre os



dias 10 e 14 de Março, dos jovens de origem açoriana residentes no Canadá com os estudantes da nossa Vila. Os jovens luso-canadianos tiveram contacto directo com diversas realidades do Concelho e da Ilha. Sara Santos, Presidente da Câmara, teve oportunidade de conversar com estes jovens e mostrar-lhes como o Concelho evoluiu positivamente nos últimos anos, além de perspectivar as boas oportunidades de vida e de trabalho para todos. Ficou, assim, uma espécie de desafio a estes jovens para que um dia possam contribuir para o progresso das terras dos seus pais e avós.


O grupo – 12 alunos, acompanhados do seu presidente e professores – visitou também as ilhas do Faial, Terceira e São Miguel. •

PORTUGUESE JOE

A Calheta de Nesquim, entre os dias 3 e 7 de Abril, foi o palco das filmagens de um documentário intitulado Portuguese Joe. O filme retratará a vida de um imigrante açoriano no Canadá, onde se fixou, em British Columbia, depois de ter embarcado com seu pai e irmão nas baleiras americanas, em 1847, em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

O responsável por este importante filme documental é Guilherme Moniz e conta com o apoio da RTP/Açores, Município das Lajes do Pico e Junta de Freguesia da Calheta de Nesquim. Outras filmagens serão realizadas no Canadá. •

FLORES E JAZZ NO DIA DA MULHER

Na quarta-feira 8 de Março quem entrava no Auditório Municipal da Lajes recebia uma flor vermelha: desta forma singela assinalava-se o Dia Internacional da Mulher, que continuava sala dentro – quase cheia – para ver e ouvir Maria Viana, acompanhada ao piano por Paulo Gomes e em baixo eléctrico por Zé Eduardo. O “papa” do jazz em Portugal, Zé Duarte (“Jazé”), disse desta cantora: “(...) esta portu-


sa de excepção ‘representa’ o jazz para além de cantá-lo. É o classicismo do swing com expressão cénica. Swinga com uma voz de registos marcados, voz de vida, voz de jazz.” Foi na verdade uma noite mágica: o virtuosismo de uma mulher de jazz e a excelência dos dois músicos, qualquer deles figuras importantes da cena musical mundial. Resta dizer que Maria Viana (filha dos grandes actores Dora Leal e José Viana) tem ascendência avoenga em terras lajenses...

Nos dias que antecederam o espectáculo, o trio teve um intenso trabalho de formação, com simples curiosos, músicos do Concelho e alunos e professores da Escola Básica 2,3 e Secundária das Lajes: técnicas de interpretação jazz vocal e colocação e dinâmica vocal, por Maria Viana; harmonia do jazz, improvisação e técnica instrumental, por Zé Eduardo (baixo) e Paulo Gomes (piano). Da beleza desta forma musical ficaram com certeza notas a vogar nos ares lajenses.

A iniciativa partiu da Câmara Municipal, integrada no seu Programa de Animação Musical 2007, que já apresentou Música para Filmes, pelo Maestro António Victorino de Almeida (28 de Janeiro) e Homenagem a Zeca Afonso, pelo Quinteto de Jazz de Lisboa (24 de Fevereiro). Até ao fim do ano estão agendados espectáculos com todos os grupos musicais do Concelho, além de ofertas musicais nacionais, como a pianista Carla Seixas (Dia do Município). •

CANTO CORAL

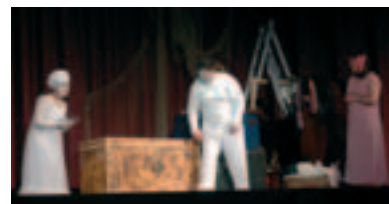
A Filarmónica Liberdade Lajense acolheu mais uma vez um Encontro de Coros, em comemoração dos 24 anos de existência do Grupo Coral da Horta, uma iniciativa do INATEL – Delegação da Horta, com o apoio do grupo



anfitrião, o nosso Grupo Coral das Lajes do Pico (d direcção de Manuel Emílio Porto). Além do Coral das Lajes, apresentaram-se no dia 29 de Abril o Grupo da Horta (d direcção de Renata Rentowska) e o Coro Canto e Encanto, de Canas de Senhorim (d direcção de Cristóvão Ramalhão).

A finalizar o espectáculo, os três coros juntaram as suas vozes para interpretar Cantorum e Ilhas de Bruma. •

O FANTASMINHA DO MUITIERAMÁ



O grupo de Teatro Muitieramá apresentou o seu trabalho do ano, desta vez para um público mais novo. Pluft, o Fantasmilha, de Maria Clara Machado, foi o texto escolhido, e o espectáculo contou com a encenação de Nelson Cabral. No Salão do Centro Social Cultural e Recreativo da Silveira, a 23 de Fevereiro, realizaram-se duas apresentações para os alunos das escolas de 1º Ciclo do Concelho; a 25, no mesmo local, para o público em geral, e a 27 no Auditório da Escola de São Roque, para os alunos de 1º e 2º Ciclos do Concelho. •



PICO OUTDOOR CHALLENGE 2007

A Ilha do Pico recebeu nos dias 22 e 23 de Abril o Pico Outdoor Challenge 2007, prova nacional de aventura, juntando 130 atletas, em representação de 33 equipas. A iniciativa foi promovida pela Associação Regional de Turismo (ART) e Associação Portuguesa de Corridas de Aventura, com o apoio dos três Municípios da Ilha e de diversas entidades.

Mais de 200 quilómetros foram percorridos pelos atletas em prova, nas modalidades de natação, BTT, canoagem e run & bike. Tiveram também oportunidade de participarem em provas complementares: uma de espeleologia e outra de multi-actividades que incluiu diversos jogos tradicionais. A Meta final foi instalada na nossa Vila e o jantar/convívio de encerramento teve lugar no Salão da Ribeira do Meio.

Os organizadores do Pico Outdoor Challenge 2007 demonstraram publicamente a sua satisfação e afirmaram que a ilha do Pico reúne condições excelentes para a realização deste tipo de provas de aventura.



Antes de mais, gostaria de vos dizer que estamos muito satisfeitos com a realização na nossa ilha desta importante prova. Por duas importantes razões. Desde logo, por ser a primeira vez que uma prova desta natureza e com o seu prestígio tem lugar no Pico; a segunda, por ela ter decorrido de forma que a todos agradou. Por isso, e antes de mais, expresso às organizações promotoras do evento – Associação Regional de Turismo (ART) e Associação Portuguesa de Corridas de Aventura – os meus sinceros parabéns. Aos participantes – sem os quais nada se pode fazer – um agradecimento especial. Espero que tenham gostado da nossa ilha e que dela levem boas recordações. Se porventura alguma coisa não vos agradou, gostaria que aceitassem as nossas desculpas e a certeza de que tudo faremos para fazer melhor no futuro.

A Ilha do Pico tem, como é sabido, condições naturais e humanas excelentes para se tornar a médio prazo um dos mais importantes locais do mundo para a prática de desporto de aventura. Desejo, por isso, lançar desde já o desafio para que todas as entidades envolvidas no Pico Outdoor Challenge 2007 unam esforços para a organização regular desta prova na Ilha do Pico. Em nome da Associação de Municípios da Ilha do Pico, a que agora presido, garanto-vos todo o nosso apoio e disponibilidade.

A nossa Ilha é conhecida em todo o mundo pela sua montanha, pela beleza do oceano que a rodeia, pela sua paisagem natural única, pela sua longa tradição baleeira – do tempo da captura até aos nossos dias em que se preservam os cetáceos e são ao mesmo tempo elemento de fruição. Mas a Ilha do Pico é também uma Ilha que emerge para novos campos de excelência. Os três Municípios desenvolvem esforços, com concretizações visíveis, para o desenvolvimento turístico, de cariz cultural e científico. Um turismo avesso à invasão destrutiva de massas ávidas de “sol e praia”, cuja consequência é tornar a paisagem natural e as suas gentes uniformizadas por baixos níveis de exigência. Antes pelo contrário: queremos um turismo qualificado e que qualifique a Ilha; queremos que as actividades turísticas criem ou contribuam para criar riqueza local; queremos um turismo que ajude a fazer da Ilha do Pico uma ilha única pela sua excelência histórica, de natureza, de gente, de ciência e de cultura. Os três Municípios – Madalena, São Roque e Lajes do Pico – desejam poder oferecer infra-estruturas vocacionadas para a oferta cultural, o acolhimento de visitantes e um leque variado de actividades de relacionamento com a natureza, actividades que a valorizem sob todos os pontos de vista. É para isso que trabalham, convictas de que também deste modo contribuem para um desenvolvimento sustentado e harmonioso das comunidades que servem. Ao nível dos responsáveis regionais existe um esforço – embora insuficiente, como é o caso das ligações aéreas e marítimas – para se articular com o investimento municipal nestas áreas decisivas, como são os casos das infra-estruturas rodoviárias, portos comerciais e portos de recreio.

Por outro lado, a organização de eventos internacionais com a projecção do Pico Outdoor Challenge 2007, para além do prestígio que sem dúvida traz à Ilha e aos seus Municípios, traz-nos responsabilidades acrescidas. Quando tem lugar entre nós uma iniciativa como esta, damo-nos conta que temos deficiências – algumas conhecidas, outras não – a que urge dar resposta. São alertas saudáveis, que devemos reconhecer e nos devem levar a trabalhar na sua resolução. Também por isto, o Pico Outdoor Challenge 2007 é muito bem-vindo entre nós, como contributo positivo.

O tempo agora é de confraternização, por isso não vos maço com mais palavras. Reafirmo apenas, em meu nome e em nome da AMIP, o prazer que foi ter-vos entre nós e o nosso reconhecido agradecimento pela excelente iniciativa.

Espero que voltem todos os anos, ou pelo menos de 2 em 2 anos para um novo desafio.

Muito obrigada. •

Intervenção de Sara Santos, na qualidade de Presidente da AMIP – Associação dos Municípios da Ilha do Pico, na Sessão de Encerramento do Pico Outdoor Challenge 2007.

EM SÃO JOÃO ACONTECEU

Para a Freguesia de São João o mês de Abril ficou marcado por intensa actividade cultural. A Casa do Povo comemorou no dia 25 o seu 23º aniversário. Com um vasto programa cultural, durante uma semana decorreram provas desportivas, campeonatos de sueca, dominó, bilro, seta, ténis de mesa, pesca desportiva, entre outros; teatro pelo grupo dos idosos Convívio da Esperança, noite da nova Geração Mini-Miss de São João e o Rancho Folclórico da Casa do Povo lançou o seu primeiro CD.

A cerimónia de encerramento das comemorações decorreu na noite do dia 25 no salão da Casa do Povo perante uma assembleia atenta e

com fortes tradições culturais no campo do teatro, da Igreja e da música, cuja filarmónica está a comemorar este ano o seu 1º centenário; mantém aberta uma casa etnográfica – Casa do Pico, do Alvião – e prepara-se para realizar uma exposição permanente sobre o ciclo da pastorícia e do queijo. Manter vivo este património cultural dá muito trabalho e algumas preocupações. A causa pública é de todos, não nos podemos demitir da nossa responsabilidade colectiva sobre os destinos do que acontece nesta terra; é urgente inverter este processo de que são sempre os mesmos para tudo. É necessário o envolvimento dos jovens visto que eles são o futuro e o que hoje construímos é para eles.

De seguida falou a senhora Presidente da Câmara Municipal das Lajes, Sara Santos, que enalteceu o trabalho desenvolvido pela Casa do Povo da São João, na pessoa dos seus dirigentes ao longo destes vinte e três anos, salientando as preocupações no bem-estar dos associados, no seu desenvolvimento cultural e recreativo. Colocou particular ênfase no progresso verificado nas nossas comunidades após a Revolução de 25 de Abril de 1974 cujo acontecimento abriu as portas a ideias novas e oportunidades nunca antes sonhadas.

A sessão prosseguiu com a entrega dos troféus e medalhas aos vencedores das provas desportivas e das actividades culturais. A Filarmónica Recreio dos Pastores brindou a assistência com o seu primeiro concerto da temporada, onde se estrearam como tocadores alguns jovens músicos.

No final foi servido a todos os presentes um bolo de aniversário acompanhado de espumante, ao som do grupo de cantares da freguesia Recordar é Viver, que interpretou, entre outros, os *Parabéns e Grândola Vila Morena*.

Foram momentos bonitos e enriquecedores de que nos orgulhamos e nos dão ânimo para continuar a fazer mais e melhor.

Casa do Povo de São João



que encheu a sala decorada para o efeito, a que não faltaram os cravos vermelhos alusivos à data festiva da Revolução de Abril.

Abriu a sessão o Presidente da Casa do Povo, José Armindo Alves Gonçalves, que deu a palavra a Cisaltina Martins, Presidente da Associação ALVIÃO, convidada a pronunciar a palestra da noite, da qual respigamos alguns excertos: *São João continua a dar que falar pelos melhores motivos. É uma terra de gente boa,*



CONSTRUIR A GRANDE CASA DO POVO

É bom ver aqui de novo muitos dos obreiros desta Casa do Povo. E ver também que muitos são os jovens e até crianças que nesta verdadeira casa do povo aqui fazem as suas primeiras aprendizagens da democracia. Há dias, aqui mesmo, no lançamento do primeiro CD do Rancho Folclórico desta casa do povo isso foi bem evidente.

Nesta data, como todos sabem, comemoram-se dois aniversários: o da Casa do Povo de São João e o do 25 de Abril de 1974, hoje Dia da Liberdade. Dez anos separam as duas efemérides: primeiro veio a instauração da democracia; depois, um dos seus frutos maiores: o povo organizado na sua Casa. Nesta Casa, do Povo, duas coisas, quanto a mim, são fundamentais. A principal, é porque trabalha verdadeiramente para todos; a segunda, é porque mantém o povo unido por acções concretas, coisas que as próprias pessoas fazem pelas suas mãos, com grande dedicação, esforço e carinho. Por isso, nunca será de mais realçar que a Casa do Povo de São João é um dos exemplos maiores que a democracia e a liberdade abertas pelo 25 de Abril nos trouxeram.

Alguém disse hoje na Assembleia da República, que o 25 de Abril não pode ser cada ano que passa apenas a evocação de uma data, como se o seu significado ficasse cada vez mais refém da data esvaziada de sentido, como se a data – os seus protagonistas e os seus significados – se perdessem no acto comemorativo. E, como consequência desta constatação, a necessidade de revitalizar um dos valores profundos da acção dos militares revolucionários de Abril: o do inconformismo. O mesmo inconformismo, por exemplo, que em França, no Maio de 68, levou a que se escrevesse nas paredes da Sorbonne: “A imaginação ao Poder!”. Ou, numa parede em Lisboa, uns anos mais tarde, esta frase: “Não se preocupem, é a realidade que s’engana”. A democracia é muito isto: não deixar morrer a nossa capacidade de constantemente pensar de forma inovadora o nosso dia a dia e o nosso futuro. (...)

Construir a grande casa do povo

Às vezes, algo com uma dimensão local, serve de exemplo para outras coisas maiores. Esta Casa do Povo pode ser para todos nós um grande exemplo de uma casa do povo que ainda não é como desejaríamos: a grande casa do povo português, anunciada pelo 25 de Abril de 1974 e que ainda está em construção. A cada um de nós é exigido que dê um pouco do seu esforço. Nenhuma casa do povo, onde quer que seja e qualquer que seja a sua dimensão, se faz sem a participação de todos.

Excerto da intervenção de Sara Santos, Presidente da Câmara, no dia 25 de Abril na Casa do Povo de São João.

EM SÃO JOÃO ACONTECEU

GRUPO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE SÃO JOÃO

António Fontes foi o primeiro Presidente do Grupo Folclórico e Germano Domingos Bettencourt o seu primeiro ensaiador. 7 de Agosto de 1993 foi a data da sua primeira actuação. Em 1994 saiu pela primeira vez da Ilha: foi até São Jorge (onde voltou mais duas vezes). Depois, quase todos os anos viajou: Ilhas de São Miguel, Faial, Terceira e Flores; cidades do continente de Tavira, Santa Maria da Feira e Guimarães; Ilha da Madeira; Galiza (Espanha). Actuou em todas as Freguesias do Pico. Recebeu em intercâmbio vários grupos açorianos e continentais.

Actualmente é composto por 37 elementos: 10 tocadores, 22 bailarinos e 5 vozes.

Os seus instrumentos são viola da terra, o bandolim, o violino, o violão e o adufe.

O seu repertório é composto essencialmente por temas tradicionais. Tal como a música e a dança, os seus trajes procuram evocar as tradições locais, em especial as que se ligam ao pastoreio.



[informação elaborada a partir do artigo de Paula Garcia, publicado em 27 de Abril, no jornal Ilha Maior, que usamos com a devida vénia]

QUEBRA E TRANCEIA

Quebra e Tranceia é o título do primeiro CD do Grupo Folclórico da Casa do Povo de São João. Foi gravado entre 1 e 13 de Dezembro na Casa do Povo. Com edição da Gravisom, teve a coordenação de Fernando Goulart, capa com fotos de Michael Gonçalves e arranjo gráfico de Digital Art's. Patrocínios: Direcção Regional de Cultura, Câmara Municipal das Lajes do Pico, Junta de Freguesia de São João e Casa do Povo de São João.

Direcção do Grupo: José Armindo Gonçalves, Jaime Rosa e José Manuel Bettencourt.

Músicos e vozes: Manuel Eduíno Bettencourt e Rui Tomás (bandolim). Manuel Teixeira Santos, Bruno Fontes Rosa e José Gabriel Neves (violão). Mónica Gonçalves (violino). Elmiro Tomás (viola da terra). Fernando Goulart (baixo). Manuel Paulino Goulart, António Ávila Rosa, Rosa Fontes, Lúcia Rosa e Idalina Ribeiro (vozes).



Dançarinos: Bruno Goulart Rosa, Renato Rosa, José Pedro Gonçalves, Dário Bettencourt, André Rosa, Tiago Goulart, Joana Pereira, Ana Fontes, Ana Cardoso, Iria Mota, Isabel Neves, Mónica Neves, Janete Ávila, Lucas Goulart,

Patrícia Alvernaz, Daniela Gaspar, Felipe Alvernaz, Celestino Tomás, João Neves e João Gonçalves.

Participação especial: Faustino Riscado (violino, nas Chamarritas).

Temas: Pastor de São João – Pézinho – Ladrão da Noite – Tirana – Manjerição – Eu Cá Sei – Joanita – Passarinho – Palmas – Melro – Praia – Mané Chiné – Matias Leal – Ciranda – Casamento da Preta – Sapateia de Cadeia – Chamarrita do Meio e versão instrumental de Chamarrita do Meio.

[informação elaborada a partir do artigo de Paula Garcia, publicado em 27 de Abril, no jornal Ilha Maior, que usamos com a devida vénia] •

FESTIVAL DA CANÇÃO INFANTIL BALEIA DE MARFIM

Já no fecho desta edição do Boletim Municipal, chega-nos a informação dos resultados do 9º Festival da Canção Infantil *Baleia de Marfim* – como sempre realizado no Centro Cultural e Recreativo da Ribeira do Meio, freguesia das Lajes. As canções vencedoras foram:

1º Lugar

Canção 6: *O Sonho da Lagarta*

Interprete: Melanie Almeida, 9 anos

Letra e Música: Cinira Baptista de Azevedo

Orquestração: Bárbara Azevedo

2º Lugar

Canção 4: *Bolinhas de Sabão*

Intérprete: Bianca Moniz, 6 anos

Letra e Música: António Bettencourt

Orquestração: António Bettencourt

3.º Lugar

Canção 9: *Corre Corre*

Interprete: Janete Lima, 11 anos

Letra e Música: Sérgio Paixão

Orquestração: Floriberto Ferreira

Os Prémios de *Melhor Letra, Música e Interpretação* foram atribuídos à canção vencedora, *O Sonho da Lagarta*





Canção nº 6
O Sonho da Lagarta

Ao raiar da madrugada
É o sol que me conduz
Meu casulo vou fiar
Com fios de seda e luz

Aninhada protegida
Teço os dias com vagar
Entrelaço o dia a dia
Com meus sonhos de sonhar

Coro
O meu sonho é voar
Ver os montes, mar e céu
Descobrir por entre as flores
Muitos outros como eu

Pois o sonho da lagarta
É ver como a vida brilha
É tornar-se borboleta
Mariposa, maravilha

II
Sinto a chuva por momentos
Cheiro as flores à tardinha
E pergunto aos 4 ventos
Porque estou sempre sozinha

Pouco importa se há perigo
Que espreita a cada passo
Troco o medo por um amigo
Ganho o mundo num abraço

Coro

Declamado
Deixa que a brisa dos teus sonhos
Afague as tuas asas e voa...

CANÇÕES CONCORRENTES À 9ª EDIÇÃO
DO FESTIVAL DA CANÇÃO INFANTIL BALEIA DE MARFIM:



Este Barco
Intérprete: Ana Catarina Pereira, 8 anos
Letra e Música: Sérgio Paixão



A Minha gatinha
Intérprete: Ana Costa, 6 anos
Letra: Conceição Maciel
Música: Manuel Emílio Porto



Bolinhas de Sabão
Intérprete: Bianca Moniz, 6 anos
Letra e Música: António Bettencourt



Canção do Verão
Intérprete: Érica Dinis Jorge, 10 anos
Letra e Música: Sérgio Paixão



Flor Menina
Intérprete: Filipa Medeiros, 6 anos
Letra: Conceição Maciel
Música: Manuel Emílio Porto



Aldeia Global
Intérprete: Inês Brum, 11 anos
Letra e Música: Sérgio Paixão



Corre Corre
Intérprete: Janete Lima, 11 anos
Letra e Música: Sérgio Paixão



Conheço um Menino

Intérprete: Mariana Madruga, 7 anos

Letra e Música: Sérgio Paixão



O Sonho da Lagarta

Intérprete: Melanie Almeida, 9 anos

Letra e Música: Cinira Baptista de Azevedo

Orquestração: Bárbara Azevedo



O País do Sonho

Intérprete: Tatiana Vital, 9 anos

Letra: Conceição Maciel

Música: Manuel Emílio Porto



A Minha Ilha

Intérprete: Verónica Maciel, 7 anos

Letra: Lara Andrade

Música: Helder Bettencourt

Organização: Associação Cultural Terra Baleeira e Município das Lajes do Pico

Apresentadora: Maria de Deus Costa

Animação: Companhia O Chapitô

Direcção Musical: Maestro Floriberto Ferreira

Direcção de Coro: Sandra Catarina Ferreira

Músicos: António Silveira, Fernando Cardoso, Hugo Cardoso, João Azevedo, Júlio Carias, Hildeberto Peixoto

Cenografia: Nelson Pereira

Som e Luzes: Mário Lima e José Gabriel Neves

Júri: Inês Proença (ex-concorrente do Festival); Isabel Brum (Professora de 1.º Ciclo); José António Soares (Vereador da Câmara Municipal da Madalena); Lília Silva (representante do Festival da Ilha das Flores); Maria Edite Miguel (representante da Câmara Municipal da Povoação); Salomé Simões (Vereadora da Câmara Municipal de São Roque); Volodymyr Samokhvalov (Professor do Conservatório Regional da Horta). •





FORMAÇÃO TEATRAL

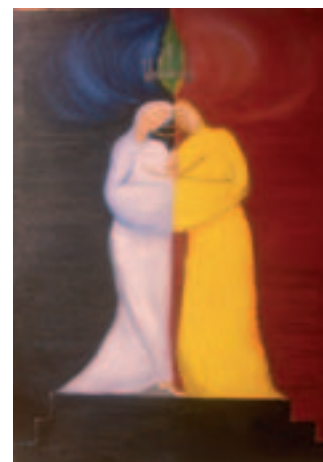
As Câmaras de São Roque e das Lajes desenvolvem em articulação, desde Março deste ano, um projecto de dinamização teatral, com a professora Susana Moura. Nas Lajes, trabalham já dezenas de pessoas de todas as idades: nos 6 Centros de Convívio, na Escola das Lajes com 2 grupos (um de professores e outro de alunos), e para um grupo mais informal de pessoas, tendo já estas iniciado um projecto de exercício para apresentação pública no final de Junho. Paralelamente, Susana Moura está todas as terças-feiras pelas 15 horas na Biblioteca Municipal para a Hora do Conto – hora que tanto tem cativado os nossos meninos!

Susana Moura estreou-se como actriz nos finais dos anos 90 em Coimbra e em Évora. Em 2001 iniciou trabalhos de investigação na Escola Profissional de Artes e Ofícios Chapitô, em Lisboa. Nesta mesma cidade, no ano seguinte dirigiu o grupo de teatro da Junta de Freguesia do Campo Grande e fundou o grupo de teatro da Livraria Ler Devagar. Paralelamente, trabalhou em dramaterapia com crianças e jovens em risco em diversos locais. Em 2005 foi para Angra do Heroísmo como contadora de histórias da Biblioteca Pública, onde também tem desenvolvido projectos teatrais e orientado formações para docentes e outros profissionais. É licenciada em Estudos Teatrais pela Universidade de Évora. Frequenta o Mestrado em História Insular e Atlântica – Séculos XV-XX, na Universidade dos Açores. •

GALERIA MUNICIPAL

Água com Humor: o tema da água visto pelo olhar bem humorado da cartunistas de todo o mundo. Exposição composta por 25 reproduções de alguns dos melhores desenhos humorísticos concorrentes ao V PortoCartoon-World Festival, com destaque para os premiados e menções honrosas. Foi uma iniciativa do Museu Nacional da Imprensa, autor da mostra, e da Eco-teca do Pico, responsável pela digressão. O nosso Município associou-se à iniciativa e na Galeria Municipal, durante duas semanas de Abril, os trabalhos puderam ser apreciados por todos, em especial por mais de duas centenas de crianças e jovens das escolas do Concelho, acompanhados pelos seus professores.

Como aqui noticiámos, a Galeria contou em Janeiro com as obras do alemão Ernst Hoffmeister. A participação internacional continua agora com o escocês Ken Donald, igualmente pin-



tor (até 1 de Junho). Seguir-se-ão Desenhar a Música, de José Garcês, vinda do AmadoraCartoon (Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora), Lurdes Oliveira (fotografia), Sandra Rocha (fotografia) e Mário Cabral (pintura). O AmadoraCartoon – Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora é o maior e mais importante festival do género em Portugal e um dos maiores do mundo; com esta exposição inicia-se a colaboração com o Centro Nacional de BD e Imagem da Amadora. Sandra Rocha, um dos expoentes da nova fotografia portuguesa, é mais uma colaboração com o IAC – Instituto Açoriano de Cultura. Lurdes Oliveira é uma fotógrafa lajense, bem conhecida de todos nós pela qualidade e originalidade do seu trabalho fotográfico, de que é excelente exemplo o livro publicado o ano passado e apresentado na Semana dos Baleeiros Mística e Nuvens do Vulcão do Pico, em colaboração com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares M. França, João José Fernandes e Urbano Bettencourt. •

FORTE DE SANTA CATARINA

Depois das iniciativas de animação do Forte baseadas em acções pedagógicas, os meses de Março e Abril ficaram marcados pelas iniciativas de dinamização do livro e da leitura. Aproveitando o facto de se realizarem nesses dois meses os Dias Mundiais da



Poesia, Teatro e do Livro e da Leitura, realizaram-se três mini-feiras temáticas: poesia, teatro e autores açorianos. Quase três centenas de títulos foram disponibilizados com desconto de 20% sobre o preço de capa. Desta forma, a loja do Forte acentuou sem dúvida a sua vertente, entre outras, de local de promoção do livro e da leitura: é neste momento no Concelho o único local onde podem ser adquiridos livros de qualidade e já se tornou para os mais interessados um local de referência. De referir ainda que neste contexto foram editados dois pequenos Cadernos Municipais (8 páginas cada), de distribuição gratuita, um com um texto inédito do poeta e dramaturgo António Cabrita (Que histórias conta o ouriço à baleia?) e outro com a tradução portuguesa inédita de A sombra de Antígona, do teatrólogo italiano Eugenio Barba, a que se juntou um brevíssimo excerto de Hamlet, de William

Shakespeare e uma nota introdutória. Estes Cadernos destinam-se a promover o gosto pela leitura e a divulgar temas de interesse geral ou local.

Com o alargamento previsto de iniciativas em quantidade e diversidade este rejuvenescido espaço do Concelho será, a par com o futuro Centro de Artes e de Ciências do Mar (antiga fábrica da baleia SIBIL) um dos mais concorridos e um local de visita obrigatória. Assim, já a partir de Junho – até Setembro – decorrerá neste local um festival de Verão, com todos os grupos do Concelho e grupos convidados, de forma a diversificar a oferta de locais de animação e lazer e tornar também o Forte num espaço indispensável para a fruição do nosso património e da nossa paisagem.

O Forte de Santa Catarina, em funcionamento desde Agosto do ano passado, foi seleccionado para a fase final de um Prémio nacional de Turismo promovido pelo Instituto de Turismo de Portugal. •



SAÚDE E PRAZER

Há momentos das nossas vidas em que nos sentimos “mais em baixo”, especialmente quando a idade parece não querer ser nossa amiga... Um conselho, uma voz amiga (às vezes vinda de tão longe...), um ombro... um olhar firme e ao mesmo tempo carinhoso de “então, que é lá agora essa tristeza?! toca a mexer-se!” Mas também, quando os “ossos emperram”, nada melhor que alguém nos leve numa carrinha e nos deixe depois numa água morna a fazer uns exercícios simples e divertidos. Até parece que ficamos “uns anos mais novos!”. Pois é, é mais ou menos assim: todas as semanas a Câmara oferece transporte aos idosos que pre-



cisam e desejam ir para as sessões de talassoterapia na Madalena. Um serviço indispensável para estes Municípios – e que nenhum dinheiro do mundo poderá pagar! •



SERVIR MELHOR OS CIDADÃOS

O Sistema Integrado de Avaliação do Desempenho da Administração Pública (SIADAP), vem instituir um novo sistema de gestão na Administração Pública, baseado na gestão por objectivos, consubstanciado por um sistema de avaliação que abrange as organizações e as pessoas.

Representa, assim, uma oportunidade de melhoria para os serviços da Administração Pública, permitindo-lhes orientar o seu desempenho para os resultados, ao invés da tradicional orientação para os procedimentos. Possibilita também a avaliação dos resultados, dos serviços e pessoas, de forma consistente e sistemática, com vista à sua melhoria contínua.

No nosso Município a implementação deste sistema fez-se tendo como base a Missão do Município: Promover a qualidade de vida para todos e o desenvolvimento sustentado do concelho das Lajes do Pico, e os seis objectivos estratégicos com vista à sua concretização: 1 – Melhorar as condições de vida e de trabalho das populações; 2 – Incentivar o investimento local; 3 – Incrementar a rede de desporto, cultura e entretenimento; 4 – Melhorar a

rede escolar e o ensino; 5 – Modernizar e descentralizar a administração autárquica; 6 – Investir, construir e recuperar espaços e edifícios, receber melhor.

Este novo sistema de avaliação pressupõe uma mudança ao nível dos procedimentos, das atitudes e comportamentos. É certo que já há algum tempo que empresas do sector empresarial privado adoptaram sistemas idênticos, mas fazê-lo na Administração Pública implica um esforço redobrado na gestão da mudança que se exige de todos: dirigentes e funcionários de cada organismo e também dos cidadãos em geral, cuja má opinião da função pública e dos seus funcionários constitui um factor de desmotivação neste processo.

Espero que este desafio, que assumimos de forma positiva, contribua progressivamente para a modernização e melhoria da gestão e dos serviços municipais e que seja encarado como uma oportunidade e não uma ameaça às garantias dos trabalhadores.

(excerto da Nota da Presidência, publicada no jornal O Dever, edição de 22 de Março). •

RARÍSSIMAS

No dia 4 de Maio foi assinado entre a AMIP – Associação de Municípios da Ilha do Pico, representada pela sua Presidente Sara Santos, e a RARÍSSIMAS – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras (Delegação do Pico), representada pela sua Presidente Salomé Gomes, um Protocolo de Cooperação da Recolha de Tampas de Plástico para Aquisição de Material Ortopédico. A AMIP concretiza deste modo um dos seus objectivos que é o de contribuir para a valorização dos recursos locais, colaborando com a RARÍSSIMAS na ajuda activa a pessoas com necessidades especiais.

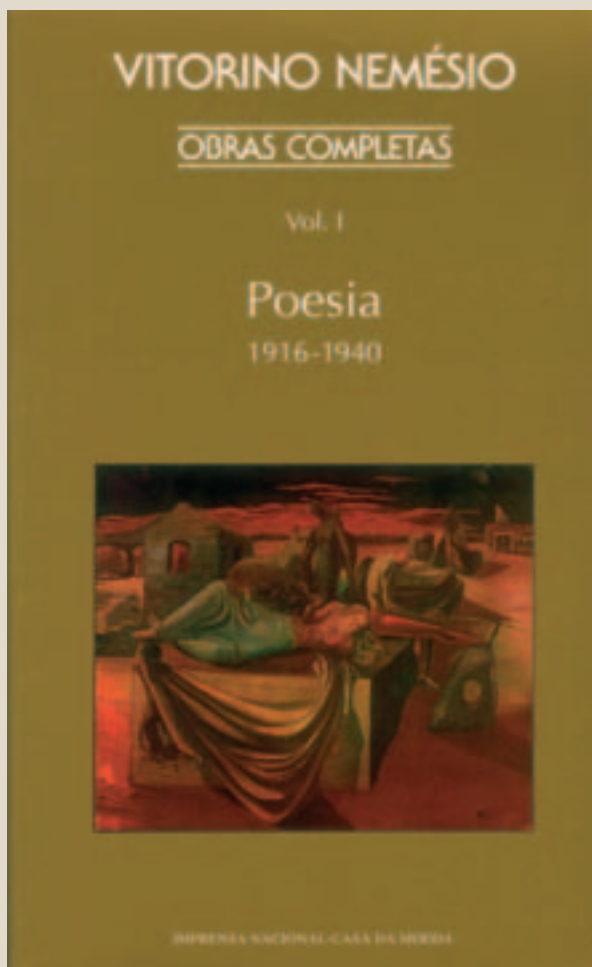
Após o envio das tampinhas de plástico pela AMIP à SPV (Sociedade Ponto Verde), a AMIP fará a entrega do valor de retorno das mesmas à RARÍSSIMAS.

A RARÍSSIMAS – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras (Delegação do Pico) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social



de âmbito regional que tem como principais objectivos apoiar doentes, famílias, e amigos que convivem de perto com perturbações que interferem no funcionamento adequado do indivíduo, nomeadamente, deficiência motora, cognitiva, psicológica e ao nível da comunicação e linguagem; desenvolver condições para um apoio domiciliário ao portador e respectiva família; visa também, conduzir a uma melhor inserção social da pessoa portadora de deficiências físicas e psíquicas, e a uma melhoria da qualidade de vida destes e da sua família.

Associação sem fins lucrativos onde todos são bem vindos. •



VITORINO NEMÉSIO

Obras Completas de Vitorino Nemésio, Vol. I, Poesia 1916-1940

Edição de Luiz Fagundes Duarte, IN-CM, 2006, 368 págs

“Estranho fóssil” sujeito a indagações periódicas, a poesia de Vitorino Nemésio renasce ciclicamente para inquietação de uns quantos leitores, que descobrem desse modo poemas quase esquecidos. Assim, depois das comemorações do centenário do nascimento e ao cabo de vários lustros a seco, eis que se retoma o propósito de tornar acessível toda a obra poética de Nemésio, esgotado que estava o pri-

meiro volume da mesma. À feliz novidade, acresce a revisão e reorganização dessa obra, cujo Volume I surge agora com nova configuração.

Enquanto a edição anterior terminava com Festa Redonda (1950) e deixava, para um anunciado terceiro volume, os dispersos e inéditos, esta termina em 1940, com Eu, Comovido a Oeste, e inclui uns quantos dispersos. As diferenças não se ficam por aqui. Fátima Freitas Morna, a editora de 1989, abria o volume com um pertinente e sedutor Prefácio, onde, além de expor critérios, traçava as linhas mestras da poesia nemesiana. Luiz Fagundes Duarte, o editor desta, asseverando tratar-se de uma edição conservadora e prudente, limita-se a explicar as

razões da mudança de critérios. Desde logo, o critério cronológico, correspondendo este volume ao arco de tempo que vai de 1916 (ano da estreia do autor) a 1940, que contempla os dispersos (figuram no lugar temporal da sua publicação) e que anuncia os próximos, organizados do seguinte modo: um segundo volume, com dois tomos: o primeiro, o da Poesia 1950-1959, e o segundo, o da Poesia 1963-1976. O terceiro volume corresponde ao já publicado (2003) Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga e o quarto à Poesia Inédita. Os demais “ajustes técnicos e de critério” são o entendimento de que não tendo o autor alterado a disposição dos livros, mesmo depois do anúncio da intenção, fazê-lo seria atraioá-lo, uma vez que Nemésio dispôs de tempo e de condições editoriais para proceder a tais mudanças. E o concordar que os seis Sonetos para Libertar Um Estado de Espírito Inferior funcionam “como outro livro do poeta”, tal como o entendia Pedro da Silveira (cf. Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois, Edições Cosmos, 1998), estudioso e poeta que coligiu esses e outros dispersos, nomeadamente os Versos qu’o pai que foi p’o trabalho fez à sua filha. Deste poema, que pode ser de difícil percepção para quem não conheça o falar da ilha natal de Nemésio, tem o leitor uma transcrição normalizada, incluída no Aparato, onde encontrará também as variantes e outras informações.

Poesia 1916-1940 inclui alguns dos versos mais lidos e amados do poeta terceirense, de que são exemplos A concha; Azorean torpor; Five o’clock tea ou Versos a uma cabrinha que eu tive, que pertencem aos livros Bicho Harmonioso e Eu, Comovido a Oeste. Um volume imprescindível na biblioteca de quantos gostam de poesia ou nas dos que não conseguem resistir às histórias breves que os poetas contam cantando. Onde encontrarão “pão, sinal humano, / Conhecimento e dor.” E mais, muito mais que, em Nemésio, a poesia sempre foi uma torrente lírica burilada por um fundo conhecimento da poesia de várias línguas.

Carlos Bessa



Ao escrever pela primeira vez no Boletim Municipal, o que faço com muito prazer e honra, gostaria de frisar que resido em Lisboa, passando as férias nas Lajes, isto é, sou aquilo a que o saudoso João Medina chamava uma “mosca de verão”. Sê-lo-ei, mas não sou acéfalo, e como tal tenho opinião



união no essencial: o desenvolvimento

por José Augusto Soares

formada sobre muito do que envolve a Vila, o Concelho, a Ilha. E nada me inibe, muito menos proíbe, de a explanar.

Temática que sempre me apaixonou, e para a qual procuro modestamente contribuir com juízos construtivos e educados, porque entendo que acima dos Homens e das suas circunstâncias, que passam, estão as terras e os seus interesses. Que ficam.

O concelho das Lajes “mexe”. Sente-se isso. Eu sinto, pelo menos. Há novos projectos, há debate, discussão, salutar divergência de opiniões.

Pena que nem sempre com a elevação que os assuntos mereceriam, diria mesmo que com falta de educação gritante, o que se lamenta e não deixa de preocupar.

Muito se tem escrito e dito sobre o anúncio da construção de uma estrutura envolvendo um Teatro nas Lajes. Muito se tem opinado, comentado, gritado, protestado, apoiado. Pois bem, também quero contribuir para esse debate interessante, e fá-lo-ei desapaixonadamente.

Contrariamente a Jardiel Ponce-la, escritor espanhol que um dia disse que “O teatro é um meio muito eficaz de educar o público; mas quem faz teatro educativo encontra-se sempre sem público para poder educar”, entendo que não há que ver a arte teatral apenas como meio de educação, embora para isso pudesse servir. Vejo-a muito mais, no caso concreto das Lajes, como meio de diversão, de afirmação cultural, de atracção de novas gentes, de diversificação de actividades.

E não só de teatro se trata, dado que será um espaço polivalente, que poderá albergar desde exposições, colóquios, organização de reuniões, outro tipo de espectáculos.

O traçado arquitectónico, sendo importante, não é o essencial, desde que evidentemente respeite o meio em que se vai inserir, numa zona histórica da Vila. A esse propósito, recordo a acesa polémica que a construção do Centro Cultural de Belém, aqui em Lisboa, suscitou, por se situar mesmo ao lado do Mosteiro dos Jerónimos, e mais recentemente, com a “Casa da Música”, no Porto.

Rios de tinta se gastaram em todos os jornais, muita opinião desencontrada, luta acesa. A verdade é que ambos

os edifícios são hoje quase “ex-libris” das duas maiores cidades portuguesas, merecendo aplausos unânimes pelos papéis fundamentais que desempenham na divulgação cultural aos habitantes que de todo o lado a eles afluem.

É outro ponto importante a ter em consideração. Não estamos a falar apenas da população das Lajes, estamos a pensar nos perto de quinze mil habitantes que estão no Pico. Para não irmos mais longe...

E note-se que Lisboa e Porto tinham, têm e terão outros problemas para resolver, nomeadamente ruas esburacadas, sérias questões de transporte público, casas degradadas, enfim, toda a panóplia de preocupações inerentes a qualquer agregado populacional. As Lajes terão os seus, não duvido, mas tal facto não obsta a que se avance na construção de uma infra-estrutura que a todos beneficie.

Lembro-me bem do marasmo cultural na Vila, no que seguramente serei acompanhado pelas pessoas da minha geração e outras.

É frequente em Portugal, e em quase todo o mundo, ouvir queixas motivadas por a percentagem atribuída à Cultura ser sempre exígua. Anda sempre na ordem dos 1 ou 2 pon-

tos percentuais. E mesmo assim as obras fazem-se. Ora nas Lajes, felizmente, não é esse o caso.

Recordarei aqui as três grandes críticas que a Oposição de então fez ao projecto do Centro Cultural de Belém: que estava no lugar errado, custava muito dinheiro e o país tinha outras prioridades antes da Cultura.

Ou seja, são clássicas estas questões...porque também agora, no concelho das Lajes, se ouvem muitas vozes a dizer precisamente isto.

O tempo veio demonstrar que estavam erradas e há bem pouco tempo, dizia um governante deste País, e com toda a razão, que “o maior factor de atracção das cidades é a sua oferta cultural”.

O concelho das Lajes, também sob este ponto de vista, nada tem de temer comparativamente a outros.

Terá é de se precaver para que o orçamento estimado não seja ultrapassado, dado que aí, o exemplo do CCB é devastador: estava orçado em cerca de 32,5 milhões de euros e veio a custar perto de 200 milhões.

Mas vai sendo tempo de haver união no essencial: o desenvolvimento. •



CÂMARA MUNICIPAL

Rua de São Francisco
Lajes do Pico
Tel: 292 679 700
TM: 916 635 223 / 969 832 180
Fax: 292 679 710
E-mail:
geral@municipio-lajes-do-pico.pt

POSTO DE TURISMO

Forte de Santa Catarina
Tel: 292 679 320

JUNTAS DE FREGUESIA

Junta de Freguesia da Ribeirinha
Largo da Igreja, Ribeirinha
Tel: 292 666 648
Fax: 292 666 648

Junta de Freguesia da Piedade

Calhau, 5-A, Piedade
Tel e fax: 292 666 151

Junta de Freguesia da Calheta de Nesquim

Terreiro, Calheta de Nesquim
Tel e fax: 292 666 122

Junta de Freguesia das Ribeiras

Largo da Igreja, Santa Bárbara
Tel: 292 672 051

Junta de Freguesia das Lajes do Pico

Rua Capitão-mor Garcia
Gonçalves Madruga
Lajes do Pico
Tel e fax: 292 672 175

Junta de Freguesia de São João

Estrada Regional,
Companhia de Baixo, São João
Tel e fax: 292 673 250

SEGURANÇA E BOMBEIROS**Polícia de Segurança Pública**

Rua de São Francisco
Lajes do Pico
Tel: 292 672 410

Protecção Civil

Tel: 292 679 300

Bombeiros Voluntários das Lajes do Pico

Estrada Regional
Lajes do Pico
Tel: 292 679 300
Fax: 292 679 895

SERVIÇOS DE UTILIDADE PÚBLICA**Cartório Notário e Conservatória do Registo Civil**

Rua de São Francisco
Lajes do Pico
Tel: 292 672 335
Fax: 292 672 084

Repartição das Finanças

Rua de São Francisco
Lajes do Pico
Tel: 292 672 352

Hospital / Centro de Saúde

Largo Edmundo Machado Ávila
Lajes do Pico
Tel: 292 679 400
Fax: 295 412 563

CTT – Estação das Lajes do Pico

Largo General Lacerda
Machado, n.º 2
Lajes do Pico
Tel: 292 679 590
Fax: 292 679 596

Farmácia Lajense

Rua Padre Manuel José Lopes
Lajes do Pico
Tel: 292 672 408

TÁXIS

Ana Santos Cardoso
Tel: 292 672 265

Fernando Cardoso
TM: 919 535 390

Gabriel Melo
TM: 918 704 080

Humberta Maria Lucas
TM: 919 535 358

José Pereira da Silva
TM: 969 370 543

Luciana Bettencourt
TM: 916 405 515

Luís Filipe Cedros Alemão
TM: 919 919 284

Manuel Garcia da Silva
Tel: 292 678 337

Maria de Fátima Neves
TM: 964 863 778

Rosa Cardoso Bettencourt
TM: 919 535 362

Rui Bettencourt
TM: 919 535 363

Urbano Cardoso
TM: 964 863 751

Outras informações em www.municipio-lajes-do-pico.pt

Se pretende começar a receber gratuitamente o Boletim Municipal das Lajes do Pico, assim como outras informações acerca do Município, preencha e recorte este cupão e envie para:

Boletim Municipal das Lajes do Pico**Município das Lajes do Pico**

Convento de S. Francisco
9930-135 LAJES DO PICO

nome

morada

código postal

e-mail





MUNICÍPIO

LAJES
DO
PICO

GALERIA
MUNICIPAL

Desenhar a Música

de José Garcês

GALERIA MUNICIPAL DAS LAJES DO PICO

Convento de São Francisco
LAJES DO PICO

8 de Junho a 10 de Agosto

Das 9 às 18 horas, de Segunda a Sexta-feira
Encerra aos Sábados e Domingos

MARCAÇÕES PARA VISITAS DE ESCOLAS DA ILHA

Tel. 292 679 700 | TM. 916 635 223 / 969 832 180

